

DA INFLUÊNCIA DE BOÉCIO NA ARGUMENTAÇÃO TÓPICA ESCOLÁSTICA¹

Luana Talita da Cruz*

Resumo: Podemos notar, principalmente, que há uma mudança de nomenclatura quanto aos tópicos durante a Escolástica e que, por volta do século XIII, sua leitura tópica perde parte de sua força. Assim, encontramos na Escolástica uma interpretação dos tópicos boecianos em uma nomenclatura atualizada. No entanto, a atualização escolástica dos tópicos não se restringe a aspectos de nomenclatura. Apresentamos aqui uma comparação não exaustiva entre a interpretação tópica encontrada em Pedro Hispano e em Boécio. Tendo esse ponto de partida, ressaltamos que ambas podem ser utilizadas para estabelecer força argumentativa em diferentes aspectos de um mesmo argumento, sendo que, para exemplificar tal ponto, recorreremos a argumentos tomistas. Mesmo que nossa argumentação aponte influências de Boécio e de Pedro Hispano na estrutura na Questão da Suma Teológica utilizada como exemplo, entendemos que a leitura de Pedro Hispano reconhece a autoridade de Boécio no assunto. Desse modo, entendemos que a influência de Boécio na leitura dos tópicos, ainda que de forma reduzida, estava presente na interpretação escolástica desse tipo de argumentação.

Palavras-chave: Argumentação Tópica, Lógica Medieval, Tópicos.

Abstract: We can notice that there is a change in nomenclature regarding the topics during Late Medieval Philosophy and that, around the thirteenth century, the topical arguments lose part of its strength. However, the scholastic update of topical argumentation is not restricted to aspects of nomenclature. We present here a non-exhaustive comparison between the topical understanding found in Peter of Spain and in Boethius. Taking this as a start point, we emphasize that both can be used to establish argumentative strength in different aspects of the same argument, and, to exemplify this point, we resort to a thomist argument. Even if our understanding points to both readings in the structure of the Question from the *Summa Theologica* used as an example, we understand that Peter of Spain's reading recognizes Boethius' authority on the subject. Thus, we understand that Boethius's influence on the understanding of the topics, albeit in a reduced form, was present in the scholastic interpretation of this type of argumentation.

Keywords: Topical argumentation, Medieval Logic, Topics.

O modelo comumente aceito da argumentação tópica durante a Escolástica, pelo menos antes de sua absorção pela Teoria das Consequência², é a leitura oferecida por Pedro Hispano que, por sua vez, apoia-se fortemente na interpretação de Boécio³. Ainda que não tenha sido o único autor escolástico a escrever sobre os Tópicos, Pedro Hispano destacou-se por produzir uma obra que se tornou bastante conhecida, sendo aceita como

¹ Os temas desse artigo foram desenvolvidos como parte da tese “A Lógica como Condição Necessária para a Filosofia Medieval: um estudo acerca da argumentação tópica a partir de Boécio”, defendida pela autora em 2021.

* Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. <luanadacruz@ymail.com>

² Trata-se de teorias medievais acerca da relação de sentenças condicionais, de inferências válidas e da relação entre sentenças (cf. Novaes, 2020).

³ Conforme Stump (1978) aponta, Otto Bird (1962) chega a defender que Pedro Hispano faz pouco mais do que oferecer um resumo do texto de Boécio ao tratar dos tópicos.

manual padrão de lógica continental em algum momento entre 1240 e 1250⁴. Nesse ponto, considera-se um tópico a partir de seu meio ou de sua *ratio*. É a *ratio* de um argumento que implica na conclusão e produz crença sobre o que está posto em dúvida, tomando o lugar da *Differentia* boeciana como *locus* do argumento. Pedro Hispano defende que “[um] argumento é confirmado (*confirmatur*) por um Tópico[...]

” (STUMP, 1978, p. 218, tradução nossa)⁵ e, ainda, que “[...] um Tópico é o lugar (*sedes*) do argumento ou aquilo de que um argumento adequado para a questão é derivado” (STUMP, 1978, p. 218-219, tradução nossa)⁶. Desse modo, está claro que o papel do tópico e de sua *ratio*, segundo ele, é o que Boécio entende por *locus* do argumento e *Differentia* do mesmo.

Pedro Hispano não dá a mesma ênfase sobre a relação do tópico com o termo médio que encontramos em Boécio. Em vez disso, a importância é dada para premissa menor que liga a premissa maior e a conclusão. O tópico funciona como o meio e é entendido mais como a premissa menor de um silogismo do que como o termo médio deste, podendo ser suprimido ou mantido de modo implícito no argumento, uma vez que sua proposição máxima aponta para a *ratio*. A lógica que encontramos como instrumento para o desenvolvimento da filosofia escolástica não é, portanto, exatamente a mesma lógica que encontramos em Boécio. Mesmo que tanto a interpretação de Boécio quanto a gramática de Prisciano sejam partes fundamentais da lógica medieval, levando à diferentes correntes interpretativas e diversas respostas para problemas que possuem a lógica aristotélica como ponto de origem, a evolução semântica que ocorre na filosofia entre o século V e o século XII tem um grande efeito na interpretação lógica que encontramos na Patrística e na Escolástica.

A lista de tópicos que encontramos no tratado de Pedro Hispano é, também, consideravelmente diferente da lista de Boécio. Isso ocorre, em particular, devido ao fato de Pedro Hispano utilizar entimemas para tópicos dialéticos, o que Boécio não faz. Esses entimemas podem ser reduzidos a silogismos completos como, por exemplo, no tópico de definição: “Um animal mortal racional está correndo, logo, um homem está correndo”.

⁴ Há que se considerar que, apesar da reconhecida influência do *Tractatus* de Pedro Hispano, havia durante a Escolástica duas escolas de interpretação lógica, a saber, a escola de Paris, representada por Pedro Hispano, e a escola de Oxford. Ambas as tradições possuem tratados que versam sobre os tópicos, como, por exemplo o *Introductiones in logicam* de William de Sherwood que pertencia a escola de Oxford. Conforme De Libera (1982) apresenta, as escolas de Paris e Oxford tendiam à oposição em diversos temas lógico-semânticos. Para maiores detalhes ver DE LIBERA, 1982, p. 174-187.

⁵ STUMP, 1978, p. 218. Tradução livre de: A argument is confirmed (*confirmatur*) by a Topic [...].

⁶ STUMP, 1978, p. 218-219. Tradução livre de: [...] a Topic is the seat (*sedes*) of an argument, or that from which a fitting argument for the question at issue is drawn.

Temos, inicialmente, uma premissa particular afirmativa (“um animal mortal racional está correndo”) e uma conclusão particular afirmativa (“um homem está correndo”). O tópico que liga ambas as premissas é que “Todo animal mortal racional é um homem”, de forma que o tópico de definição implica em um silogismo demonstrativo IAI, ou seja, DISAMIS na terceira figura⁷. A proposição máxima que corresponde a esse tópico é “Tudo que é predicado da definição é também predicado da coisa definida” (PEDRO HISPANO *apud* STUMP, 1978, p. 221, tradução nossa)⁸.

Ainda que Pedro Hispano e Boécio concordem que a diferença específica distingue as Proposições Máximas, Pedro Hispano não está interessado na descoberta de argumentos através dos *loci* destes e sim em sua confirmação (cf. Copenhaver et al, 2014). Essa interpretação está muito mais próxima dos aspectos tópicos que encontramos em Tomás de Aquino, pois não há a indicação da *Differentia* mesmo quando a Proposição Máxima é clara. A Proposição Máxima, no modo como entendo que Aquino a utiliza, confirma e dá força a um argumento sem oferecer o caminho para o termo médio. Ela aponta para um argumento, conectando sua premissa e conclusão de uma maneira muito mais próxima do que Pedro Hispano chama de *ratio*. Há que se considerar, ainda, que “Pedro introduz cada lugar [*locus*] como uma *habitus* ou uma disposição— um tipo de relação, ele então ilustra o lugar com uma entimema, dá nome e oferece uma ou mais máximas sobre ele” (COPENHAVER et al, 2014, p. 41, tradução nossa)⁹.

Tomás de Aquino considera como *habitus* o modo de descrever a natureza das relações. Assim, para que algo exista, é necessário que haja a disposição para tal coisa. Ainda que a discussão seja fundamentalmente lógica, a resposta de Aquino é metafísica.

[...] relação por si só é tal que não introduz nada em uma realidade extramental, apenas por virtude do que é, pois não predica algo e sim trata [de algo] em direção a algo. Assim, encontramos certas relações que não introduzem nada na realidade extramental, mas o fazem apenas na razão (AQUINO *apud* BROWER, 2018, sem página, tradução nossa)¹⁰.

⁷ Exemplo retirado de STUMP, 1978, p. 221-223.

⁸ PEDRO HISPANO *apud* STUMP, 1978, p. 221. Tradução livre de: Whatever is predicated of the definition is also predicated of the thing defined.

Tradução de: “(...) quidquid predicator de definitione, et de diffinito [...]”.

⁹ COPENHAVER et al, 2014, p. 41. Tradução livre de: Peter introduces each place as a *habitus* or disposition—a type of relation; then he illustrates the place with an enthymeme, names it, and supplies one or more maxims for it.

¹⁰ AQUINO *apud* BROWER, 2018, sem página. Tradução livre de: [...] relation alone is such that it does not introduce anything in extramental reality, just by virtue of what it is—for it does not predicate a

Sendo esse o caso, a interpretação tomista não exclui a utilização de *habitus*¹¹ feita por Pedro Hispano, pois a disposição natural das coisas inclui a disposição da razão para o julgamento racional correto guiado pela lógica. Mais do que isso, ao tratar da privação, Pedro Hispano estabelece que esse tópico trata da relação contrária entre privação e hábito (*habitus*), ou seja, entre privação e a disposição para algo. Dessa forma, o tópico de contrários segundo Pedro Hispano é mais adequado ao modo como esse tópico é utilizado em Tomás de Aquino para contrapor vício e virtude como espécies contrárias de um gênero.

Assim, há uma diferença de nomenclatura em relação à argumentação tópica na Escolástica, sendo que a nomenclatura tópica não é universalmente unificada entre os filósofos do período. Isso ocorre, em parte, devido as diferenças e disputas entre escolas de pensamento lógico comuns a partir do século XI. Um exemplo desse fato é encontrado em Stump (1982), em se tratando de algumas *Differentiae* segundo diferentes autores. Ainda que, de modo geral, a lista oferecida por Pedro Hispano seja bastante próxima daquela utilizada em Boécio, acrescentamos a nomenclatura de Boécio para fins de comparação:

Tabela 1. Comparação da nomenclatura tópica com base em Stump (1982).

Boécio	Pedro Hispano	William de Sherwood	Roger Bacon	Lambert de Auxerre
De opostos	De opostos	De autoridade	De autoridade	De autoridade
Do maior	Dos maiores	De similares	De similares	Dos maiores
De similares	De similares	Dos menores	Dos menores	De similares
De proporção	De proporção	De opostos	De proporção	De proporção
<i>Transumptio</i> ¹²	<i>Transumptio</i>	De proporção	De opostos	De opostos
De julgamento	De autoridade	<i>Transumptio</i>	<i>Transumptio</i>	<i>Transumptio</i>

something but a toward something. Hence we find certain relations that do not introduce anything in extramental reality, but only in reason.

¹¹ Em diversos pontos da *Suma Teológica* encontramos *habitus* utilizado, também, como significando a relação entre coisas. Alguns exemplos disso encontram-se na I Parte da I Parte, Questões 12 e 44.

¹² Entendemos por *transumptio* algo como troca de lugares ou transferência de algo para outro algo não necessariamente de modo físico.

Tanto a nomenclatura quanto a divisão da lista de tópicos que encontramos em Pedro Hispano é similar à lista encontrada em Boécio, mas seus exemplos não são os mesmos, o que, por vezes, resulta em uma explicação diferente de um mesmo tópico. Por exemplo, o tópico *Transumptio* segundo Pedro Hispano deve ser utilizando ou “(...) onde um nome ou um grupo de palavras significando uma coisa é transferido para significar outra coisa por similaridade (...)” (PEDRO HISPANO, 1990, 15b [1-2]¹³, p. 65, tradução nossa)¹⁴ ou “(...) quando uma expressão mais conhecida (*nomen*) é tomada por uma menos conhecida (...)” (PEDRO HISPANO, 1990, 15b [7-8] p. 66, tradução nossa)¹⁵. Tal definição encontra-se em oposição com aquela oferecida por Boécio, para quem, esse tópico ocorre “[...] quando a dúvida é transferida dos termos em questão para algo mais conhecido [...]” (BOÉCIO, 1978, Livro II, 1191D [40] – 1192A [1-2], tradução nossa)¹⁶.

No caso de Boécio, não é apenas uma mudança do nome utilizado, mas sim, da coisa posta em dúvida. Em ambos os autores, o exemplo oferecido considera a substituição do termo “filósofo”, mas em Pedro Hispano o objetivo é provar que “algo apropriado a um termo muito conhecido é apropriado a um termo pouco conhecido”¹⁷ enquanto o objetivo em Boécio é provar algo a partir de um termo mais conhecido. Cabe ressaltar que Boécio não oferece uma Proposição Máxima para esse tópico e que Pedro Hispano o faz. A linguagem tópica que encontramos nesse período, então, é uma linguagem atualizada para os padrões escolásticos. Um tópico não aparece, por exemplo, no texto tomista como um meio termo para um silogismo categórico, mas como uma premissa deste. Por exemplo, na Questão 52 da I Parte da II Parte da *Suma Teológica*, ao considerar semelhança e dessemelhança, Aquino utiliza o exemplo de que o preto e o menos branco são ambos

¹³ Utilizamos, aqui, a tradução de Dinneen (1990) baseada na edição crítica de De Rijk (1972). Apesar da tradução de Dinneen não utilizar a numeração da edição crítica, optamos por utilizá-la por questões de clareza.

¹⁴ PEDRO HISPANO, 1990, 15b [1-2], p. 65. Tradução livre de: (...) where a name or word-group signifying one thing is transferred to signify something else through a likeness (...). Tradução de: [...] quando *nomen* vel *oratio* significans unum transsumitur ad significandum aliquid aliud per similitudinem aliquam.

¹⁵ PEDRO HISPANO, 1990, 15b [7-8] p. 66. Tradução livre de: (...) when a better known expression (*nomen*) is taken for one less well known (...). Tradução de: [...] quando sumitur *nomen* unum magis notum pro alio nomine minus noto.

¹⁶ BOÉCIO, 1978, Livro II, 1191D [40] – 1192A [1-2]. Tradução livre de: [...] when doubt is transferred from the terms in the question to something more known [...].

Tradução de: Ex transumptione hoc modo fit, cum ex his terminis in quibus quaestio constituta est, ad aliud quiddam notius dubitatio transfertur [...].

¹⁷ Conforme PEDRO HISPANO, 1972, 15a [15].

dessemelhantes ao branco. O tópico de contrários, conforme dado por Pedro Hispano é muito mais próximo à argumentação tomista do que o tópico boeciano. Isso ocorre porque Pedro Hispano considera que certos contrários podem ser medianos e dá como exemplo disso preto, branco e suas cores intermediárias. Ainda assim, ele aponta que o tópico trata de contrários e que um exclui o outro.

Considerando a Questão 55 do “Tratado das Virtudes” de Tomás de Aquino, a argumentação de Aquino tem início na tentativa de definir a virtude, estabelecendo através dessa definição sua relação com o hábito. Uma definição é, segundo Pedro Hispano, uma relação entre o definido e a definição ou, em outras palavras, entre o sujeito e sua essência. Para Boécio, em se tratando de substância, a própria substância é a definição. No entanto, uma vez que ao definir a virtude que é hábito já não é possível utilizar tópicos que são apropriados apenas para a substância, para Boécio restaria especificamente o tópico de definição segundo descrição ou ainda o que ele chama de *nominis interpretatio*. Trata-se da definição dada a partir da “significação do nome” (cf. Boécio, 1978).

No entanto, segundo Pedro Hispano, todos os tópicos de definição estão sob o tópico da substância, sendo que definição é algo “*quid est esse*” (cf. Pedro Hispano, 1990). Assim, tudo que é, possui uma definição que é parte de sua essência. Para Tomás de Aquino, a causa formal da virtude é sua definição, pois ele afirma que a causa formal consiste em gênero e diferença específica. Dessa forma, “[...] deduz-se de seu gênero e diferença, quando se diz que ela é ‘uma qualidade boa’, pois o gênero da virtude é a ‘qualidade’ e a diferença, o ‘bem’ [...]” (AQUINO, 2005, I Seção da II Parte, Questão 55, Artigo 4, p. 100)¹⁸. Disso conclui-se que Aquino não está considerando a questão como descrição e sim como definição. Como Pedro Hispano defende, o tópico de definição é tomado como *quid est esse*. Aquino não está, no entanto, tratando de predicação e o que encontramos na Questão 55 é exatamente como Boécio propõe que definição seja dada: “[...] uma definição contém *genus e differentiae* [...]” (BOÉCIO, 1978, Livro II, 1187C [1], tradução nossa)¹⁹. Assim, da Questão 55, se obtém a proposição universal derivada da substância daquilo que está sob consideração (cf. Boécio, 1978), no caso, a virtude. Aquino não está

¹⁸ AQUINO, 2005, I Seção da II Parte, Questão 55, Artigo 4, p. 100. Tradução de: [...] accipitur ex eius genere et differentia, cum dicitur qualitas bona: genus enim virtutis qualitas est, differentia autem bonum.

¹⁹ BOÉCIO, 1978, Livro II, 1187C [1]. Tradução livre de: [...] a definition contains *genus and differentiae* [...]. Tradução de: [...] quod definitio genus ac differentias sumit [...].

descrevendo a virtude, mas definindo sua essência, sendo que toda vez que se utilizar a expressão “qualidade boa” (*qualitas bona*) será o mesmo que utilizar o nome “virtude” (*virtus*).

Há, a partir da argumentação oferecida ao longo da Questão 55, em particular do Artigo 4, o esclarecimento dessa equivalência através da rejeição de coisas que não possuem o mesmo significado como, por exemplo, a bondade. Esse esclarecimento apoia-se na Proposição Máxima de definição segundo Boécio e que diz que coisas diferentes possuem, elas mesmas, definições diferentes. Por exemplo, a definição de saúde não pode ser qualidade boa por ser a saúde enquanto disposição um acidente e não um gênero. Isso implica que a saúde não pode ser o mesmo que a virtude, pois suas definições são diferentes. Apesar de apresentar a definição de virtude conforme o modelo boeciano que, por sua vez, segue os moldes de Porfírio, Tomás de Aquino utiliza o tópico de definição conforme Pedro Hispano, segundo o qual uma definição é dada, em primeiro lugar, com algo sendo afirmado de um sujeito. O sujeito em questão é a virtude e sobre ela se afirma que é uma qualidade boa. A Proposição Máxima²⁰ oferecida por Pedro Hispano também parece mais adequada à questão do que aquela oferecida por Boécio²¹, pois afirma que o que se predica da definição se predica da essência do sujeito. Mais do que isso, conforme Avicena, as proposições dialéticas naturais²² aproximam-se de modo considerável das proposições metafísicas, pois ao colocar sob consideração a essência ou as propriedades essenciais do sujeito, não se está colocando sob consideração seus aspectos lógicos. Enquanto a tradição tópica escolástica responde ao problema de se utilizar o tópico de definição para falar da virtude, é em Avicena que encontramos a justificativa para aplicar tal coisa à essência de algo que é sem matéria.

Os esclarecimentos acerca da definição de virtude que encontramos em Aquino estão de acordo com o que propõe Avicena na medida em que é preciso esclarecer o significado do universal (a virtude enquanto qualidade boa) através de descrições para que o significado da coisa da qual se fala de modo universal seja estabelecido e para que fique claro o que dela se segue (cf. Avicena, 2013). Temos, assim, em Aquino primeiro a

²⁰ Conforme Pedro Hispano, 1972, 13a [18-19].

²¹ Conforme Boécio, 1978, 1185D.

²² É importante notar que há na interpretação tópica aviceniana uma contraposição entre proposições naturais ou, em certo sentido, descritivas e proposições morais ou normativas. Uma proposição dialética natural mesmo que considere conceitos morais como a definição de virtude ainda será uma proposição natural porque ela não oferece uma orientação de como se deve agir. Uma vez que se fale da própria ação, então se pode colocar sob consideração uma proposição moral.

definição de virtude conforme os predicáveis que permite o uso do tópico de definição, a utilização tópica de descrição a fim de estabelecer a força da equivalência entre virtude e qualidade boa e, por fim, a descrição de virtude segundo cada um de seus aspectos de modo a estabelecer a definição de sua essência de modo completo, retomando o tópico de definição para apontar que descrições incompletas ou incorretas da virtude não devem ser tomadas como sua verdadeira definição.

Encontramos, ainda, no *Tractatus* de Pedro Hispano a definição de gênero análogo ao que Aquino utiliza e que não é logicamente interessante, de acordo como o próprio Pedro Hispano. Trata-se de uma concepção de gênero segundo a qual gênero é “[...] uma coleção de muitas coisas relacionadas de alguma forma entre elas e a uma única fonte (*principium*) (...)” (PEDRO HISPANO, 1990, 15 [17-18] – 5b p. 17, tradução nossa)²³. Também ao discorrer sobre as causas da virtude, Tomás de Aquino utiliza, por vezes, interpretações que são logicamente pouco interessantes, mas cujo cunho lógico não podemos negar. Por exemplo, na Questão 60, Artigo 2, ao tratar da natureza da virtude para poder responder quanto a suas causas, Aquino distingue entre natureza específica e natureza individual²⁴.

Assim, o texto tomista, inicialmente, não parece oferecer conteúdo lógico interessante, mas isso é apenas uma ilusão superficial. Por exemplo, muitas de suas teses apresentam uma estrutura silogística e dialética, de modo que, acompanhada da questão a que respondem, formam a estrutura de um argumento tópico boeciano. Consideremos como exemplo a Questão 65, Artigo 5, Tese 1:

Proposição posta sob consideração: A caridade pode existir sem a fé e a esperança?

Differentia: *Transumptio*

A Caridade é o amor de Deus.

Deus pode ser amado sem fé ou esperança.

Logo, a caridade pode existir sem fé ou esperança.

(cf. AQUINO, 2005)²⁵

²³ PEDRO HISPANO, 1990, 15 [17-18] – 5b p. 17. Tradução livre de: (...) a collection of many things related in some way to each other and to a single source (*principium*) (...). Tradução de: [...] collectio multorum se habentium quodammodo ad se invicem et ad unum principium [...].

²⁴ A natureza específica é forma individualizadora da matéria, ou seja, é a natureza que faz com que o homem seja a espécie homem com relação ao gênero animal. A natureza individual é aquela que trata da alma racional do homem e faz com que um homem seja uma espécie última ou, ainda, com que seja, por exemplo, este homem específico que é Sócrates. As virtudes são, portanto, garantidas ao homem devido ao tópico da forma.

²⁵ O argumento não se encontra nessa estrutura no texto original e foi montado com base em AQUINO, 2005, I Seção da II Parte, Questão 65, Artigo 5, p. 207. Tradução de: *Utrum caritas possit esse sine fide et*

Esse não é, de forma alguma, o único exemplo em que podemos estruturar algumas das teses dos Artigos da *Suma Teológica* no modelo de argumentos tópicos. Isso está de acordo com a proposta boeciana e, mesmo quando Aquino utiliza a nomenclatura e interpretação terminista de Pedro Hispano, ele não utiliza sua formulação principalmente predicativa quanto aos tópicos. Percebemos, dessa forma, que a autoridade e influência de Boécio através da Teoria dos Tópicos alcança a Escolástica ainda bastante preservada em suas teses e usos conforme propostos pela interpretação de Boécio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMSON, Peter; TAYLOR, Richard C (ed). *The Cambridge Companion to Arabic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

AMERINI, F. 14. Explanation and Definition in Thomas Aquinas' Commentary on Aristotle's Metaphysics. In: *Logic and Language in the Middle Ages*. Brill: 2013, p. 239-255.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica – Volume IV*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

ARMSTRONG, A. H. (ed). *The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

ANGIONI, Lucas. Defining Topics in Aristotle's Topics VI. In: *PHILÓSOPHOS*, Goiânia, V.19,N.2, 2014, p. 151-193.

AVICENA. The Life of Ibn Sina. In: GOHLMAN, W. E. (trad.). *The Life of Ibn Sina: A Critical Edition and Annotated Translation*. New York: State University of New York Press, 1974.

_____. *i.6 Section on investigating what people say about essential and accidental*. HODGES, W. (trad.). Disponível em: <<http://wilfridhodes.co.uk/arabic32.pdf>>. Acessado em: 01 mar 2021.

_____. *Ibn Sīnā: Madkhal i.6*. HODGES, W. (trad.), 2013. Disponível em: <<http://wilfridhodes.co.uk/arabic32.pdf>>. Acessado em: 01 mar 2021.

_____. Metafísica I.1-2 do Livro da cura (*Kitab al-Shifa'*). In: VERZA, T. (trad.). *Revista Reflexões*, Ano 8, nº 15, 2019, p. 233 - 250.

spe [...] I. Caritas enim est amor Dei. Sed Deus potest a nobis amari naturaliter, etiam non praesupposita a tide, vel spe futurae beatitudinis. Ergo caritas potest esse sine fide et spe.

BAKER, David P. *Literature, Logic and Mathematics in the Fourteenth Century*. Acessado em: 16 jan 2019. Disponível em: <<http://etheses.dur.ac.uk/7716/>>.

BIRD, Otto. The formalizing of the topics in mediaeval logic. In: *Notre Dame Journal of Formal Logic*. Durham, 1, (4), p. 138-149, 1960.

_____. The Tradition of the Logical Topics: Aristotle to Ockham. In: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 23, No. 3, 1962, pp. 307-323.

BLANCHÉ, Robert; DUBUCS, Jacques-Paul. *La Logique et son Histoire*. Paris: Armand Colin, 1996.

BLANCHE, F.A. O vocabulário da argumentação e a estrutura do artigo nas obras de Santo Tomás. In: *Scintilla*. Curitiba, V 1, 2004, p. 13 -38.

BOÉCIO. *Theological Tractates/ The Consolation of Philosophy*. RAND, E. K.; STEWART, H. F.; S. J. Tester (trad.). Mass/London: Loeb, 1918.

_____. De topicis differentiis. In.: STUMP. E. (trad.). *Boethius's De topicis differentiis*. Ithaca: Cornell University Press, 1978.

_____. *De topicis differentiis*. Toronto, 2019. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/pking/resources/boethius/De_differentiis_topicis.txt>. Acessado em: 27 Abril 2021.

_____. In Ciceronis topica. In.: STUMP. E. (ed. e trad.). *Boethius's In Ciceronis topica: an annotated translation of a medieval dialectical text*. Ithaca: Cornell University Press, 1988.

_____. *In Topica Ciceronis*. 2006. Disponível em: <https://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0480-0524__Boethius__In_Topica_Ciceronis__LT.pdf.html>. Acessado em: 18 jan 2021.

CASEY, John Patrick. Boethius's Works on Logic in the Middle Ages. In: KAYLOR, N. H.; PHILIPS, P. E (eds). *A Companion to Boethius in the Middle Ages*. Danvers: Brill, 2012. p. 193 -220.

COPENHAVER, Brian P et al. *Peter of Spain: Summaries of Logic Text, Translation, Introduction, and Notes*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

DE LIBÉRA, Alain. *La philosophie médiévale*. Paris: PUF, 1989.

_____. The Oxford and Paris traditions in logic. In: *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 174-187.

DUNCOMBE, M.; NOVAES, C. D. Dialectic and logic in Aristotle and his tradition. In: *History and Philosophy of Logic*, V 37, 2016, p. 1- 9.

EBBESSEN, S. Boethius as an Aristotelian commetator. In: SORABJI, R. *Aristotle transformed: The ancient commentators and their influence*. 1990. p. 373 – 392.

_____. The Traditions of Ancient Logic-cum-Grammar in the Middle Ages—What’s the Problem? In: *Vivarium*, V. 45, 2007, p.136-152.

_____. Ancient scholastic logic as the source of medieval scholastic logic. In: *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 101 – 127.

GREEN-PEDERSEN, Niels Jorgen. *The Tradition of the Topics in the Middle Ages*. Munique: Philosophia Verlag, 1984.

GUTAS, Dimitri. *Avicenna and the Aristotelian Tradition*. Leiden: Brill, 2014.

JANSSENS, Jules. *Ibn Sina and his Influence on the Arabic and Latin World*. Toronto: Routledge, 2006.

KAYLOR, N. H.; PHILIPS, P. E (eds). *A Companion to Boethius in the Middle Ages*. Danvers: Brill, 2012.

KLIMA, Gyula. The Semantic Principles Underlying Saint Thomas Aquinas's Metaphysics of Being. In: *Medieval Philosophy and Theology*, 1996, pp. 87-141. Disponível em: <<https://faculty.fordham.edu/klima/BEAQ.HTM>>. Acessado em: 28 Dez 2022.

KRETZMAN, N.; KENNY, A.; PINBORG, J. (eds.). *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LANDIM FILHO, Raul. Predicação e Juízo em Tomás de Aquino. In: *kriterion*, Belo Horizonte, nº 113, 2006, p. 27-49.

MARENBON, J. *Boethius*. New York: Oxford University Press, 2003.

_____. *Medieval Philosophy: An Historical and Philosophical Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. (ed.). *The Many Roots of Medieval Logic: The Aristotelian and the Non-Aristotelian Traditions*. Boston: Brill, 2007b.

_____. (ed.). *The Cambridge Companion to Boethius*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MARTIN, C. J (ed.). *The Philosophy of Thomas Aquinas. Introductory Readings*. London: Routledge, 1988.

McINERNY, Ralph. *Boethius and Aquinas*. Washington D.C.: Catholic University of America Press, 2012.

MOODY, E.A. *Truth and Consequence in Medieval Logic*. Amsterdam: North Holland Publishing Company, 1953.

MOURUJÃO, Carlos. A Logica Modernorum: Lógica e Filosofia da Linguagem na Escolástica dos Séculos XIII e XIV. In: *Revista Filosófica de Coimbra*. nº 28, 2006. p. 301-322.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro. Avicena, Tomás de Aquino e Duns Scot. In: *Cognitio*, v. 6, n. 1, São Paulo, 2005, p. 56-60.

PEDRO HISPANO. *TRACTATUS called afterwards SUMMULE LOGICALES*. DE RIJK (introdução). Edição Crítica. Assen: Van Gorcum & Comp. B.V., 1972.

_____. The *Summulae Logicales*. In: DINNEEN., Francis P. *Language in dispute: an English translation of Peter of Spain's Tractatus, called after-wards Summulae logicales : on the basis of the critical edition established by L.M. de Rijk*. Amsterdam: John Benjamins B.V, 1990.

READ, Stephen. *The Medieval Theory of Consequence*. 2011. Acessado em 20 fev 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/2008340/The_medieval_theory_of_consequence>.

RESCHER, Nicholas. *Studies in the History of Arabic Logic*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press: 1963.

SAINATI, V. I: Dai “Topici” al “De Interpretatione”. In: *Storia dell’Organon aristotelico*. Florence: Le Monnier, 1968. p. 5-26.

SANGALLI, Idalgo José. A organização curricular dos estudos filosóficos do Guia dos estudantes. In: *Scintilla*, Curitiba, vol. 9, 2012, p. 127 – 144.

_____. A linguagem na escolástica medieval. In: *Mirabilia*, 16, 2013, p. 134 – 155.

SCHMIDT, Robert W. *The Domain of Logic According to Saint Thomas Aquinas*. EUA: Andesite Press, 2017.

SPADE, P. V. *A Survey of Mediaeval Philosophy*. 1985. Acessado em 20 fev 2022. Disponível em: http://pvspade.com/Logic/docs/The%20Course%20in%20the%20Box%20Version%20_0.pdf.

SORABJI, R. (ed.). *Aristotle transformed. The ancient commentators and their influence*. Nova York: Cornell University Press, 1990

STORCK, Alfredo. *Ars vel scientia rationalis. A natureza ambivalente da lógica segundo Tomás de Aquino*. In: *Analytica*, vol 17 n° 2, Rio de Janeiro, 2013, p. 373-394.

STUMP, Eleonore. Boethius’s Works on the Topics. In: *Vivarium: A journal of mediaeval philosophy and the intellectual life of the Middle Ages and Renaissance*. Leiden: Brill, Vol. XII, N. 2. Brill, 1974. p. 77 – 93.

_____. Differentia. In: STUMP, E. (trad.) *De topicis differentiis*, 1978a, p. 248-261.

_____. Peter of Spain on the Topics. In: STUMP, E. (trad.) *De topicis differentiis*, 1978c, p. 213-236.

_____. Topics: their development and absorption in the consequences. In: *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

TEIXEIRA, Igor. Aquinas' Summae Theologiae and the moral instruction in the 13th century. In: *Acta Scientiarum: Education*, Maringá, v. 37, 2015. p. 247-257.

VESSOZI, Giovanni. *Notes of parallel texts and conceptual enveloping about ratio, intentio and individuum vagum in Aquinas*. Acessado em 15 fev 2022. Disponível em: <https://www.academia.edu/38280559/notes_on_parallel_texts_on_intentio_ratio_and_individuum_vagum.odt?email_work_card=title>.

WYLLIE, Guilherme. A evolução da lógica pré-escolástica. In: *Querubim*, 4, 2007, p. 1-12.

_____. Um panorama histórico da lógica medieval I. In: *Aquinate*, 5, 2007b, p. 147-165.

_____. A Evolução Histórica da *Logica Vetus*. In: *Mirabilia*, v. 16, 2013, p. 201- 220.
